

**O MITO DA AMÉLIA  
SOB A ÓTICA DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Fabiana Castro Carvalho (UFES)  
[fccfabiana@hotmail.com](mailto:fccfabiana@hotmail.com)

A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Em artigo publicado no livro “*Práticas Discursivas: Exercícios Analíticos*”, organizado por Nelson Barros da Costa (2005), o referido autor resume a caracterização de Michel Pêcheux acerca de três épocas pelas quais teria passado a Análise do Discurso Francesa.

Depois de traçar o percurso histórico, Costa (2005) desenvolve suas ideias a fim de postular que estamos vivendo a quarta época da AD: o primado da prática. Segundo o autor, algumas características são próprias dessa quarta época. São elas: i) o assujeitamento relativizado do sujeito; ii) a interdisciplina privilegiada múltipla; iii) o materialismo histórico e dialético, além do dialogismo bakhtiniano; iv) preferência por uma análise qualitativa dos fatos discursivos; v) o texto como unidade de análise; vi) o discurso, a discursividade e a interdiscursividade como objeto teórico; vii) o conceito de discurso como um processo em curso, uma prática; viii) a prática discursiva como a prática de sujeitos que só se constituem por viverem em sociedade; ix) os sujeitos são vistos como capazes de intervir no mundo, uma vez que constroem, destroem ou lutam para manter instituições.

A partir do que foi supracitado, passamos à proposta teórica contida em *Discurso e mudança social*, de Norman Fairclough (2001)<sup>11</sup>. Neste livro, o autor cunha a Teoria Social do Discurso, também conhecida como Análise Crítica do Discurso (ACD), modelo analítico desenvolvido para o estudo das relações entre linguagem, poder e ideologia. Acreditamos que este autor e sua proposta encontram seu lugar na quarta época da Análise do Discurso (AD).

Segundo Fairclough, “Discurso (...) é uso da linguagem, seja ela falada ou escrita, vista como um tipo de prática social” (Fairclough, 2001, p. 28). Assim, a linguagem é investida de poder e ideologi-

---

<sup>11</sup> Norman Fairclough é professor emérito de Linguística na Universidade Lancaster (Reino Unido).

## ANÁLISE DO DISCURSO

as, capaz de constituir as dimensões sociais do conhecimento, das relações e da identidade social.

Para este autor, o discurso pode ser analisado através de três dimensões. A primeira é o texto – linguagem discursiva produzida num evento discursivo –, que estabelece posições da experiência anterior do leitor/receptor para fazer as ligações necessárias entre os elementos intertextuais e construir interpretações coerentes. Os interpretantes podem se adequar ou resistir às posições estabelecidas para eles nos textos, como forma de luta hegemônica.

A segunda dimensão é a prática discursiva. Esta dimensão do uso da linguagem envolve os processos de produção, distribuição e consumo dos textos. Aqui, os diferentes tipos de discurso estão de acordo com os fatores sociais. A amarração do texto à prática social é mediada pela prática discursiva, pois os processos de produção e interpretação do texto são constituídos pelo caráter da prática social, que também ajudam a constituí-la. É importante ressaltar que o processo de produção deixa “vestígios” no texto e o processo de interpretação atua sobre tais vestígios no texto (Magalhães, 2001, p. 36).

A terceira dimensão de análise é a prática social, que pode se referir ao contexto situacional, ao contexto institucional e ao contexto cultural. Esta dimensão está relacionada aos conceitos de ideologia e poder, onde o discurso é visto numa perspectiva de poder como hegemonia e de evolução das relações de poder como luta hegemônica, pois, como afirma Fairclough, “a hegemonia é um objetivo mais ou menos parcial e temporário, um ‘equilíbrio estável’ que é um foco de luta, aberto à desarticulação e à rearticulação” (Fairclough *apud* Magalhães, 2001, p. 37).

Assim, a análise do texto é, necessariamente, uma análise de forma e de sentido, na qual o discurso sugere o modo de ação e de representação por constituir o mundo social e ser constituído por ele; a prática discursiva se realiza enquanto forma linguística nos textos; as ordens de discurso abrangem a totalidade de práticas discursivas dentro de uma instituição ou sociedade e as relações entre elas; a prática social relaciona-se à ideologia e ao poder.

Segundo Magalhães (2001, p. 17),

Ideologias são entendidas como significações ou construções da realidade, construídas nas várias dimensões das formas ou sentidos das práticas discursivas e contribuindo para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

É imprescindível que o leitor/receptor esteja atento às ideologias que estão presentes nos textos que lê a fim de perceber a luta constante em que está envolvido. O conceito de hegemonia constitui um foco de luta sobre os pontos de instabilidade entre as classes ou blocos dominantes, a fim de constituir, sustentar ou quebrar alianças ou relações de dominação.

Segundo Bakhtin (1992), o signo linguístico está sempre carregado de um conteúdo ou de um sentido ideológico. Por isso é que existe a possibilidade de interpretação e compreensão relacionada à reação, favorável ou contrária, às palavras que são ouvidas ou lidas pelos sujeitos: palavras despertam ressonâncias ideológicas ou relativas à vida. O leitor/ouvinte precisa estar atento, porque toda enunciação efetiva concorda ou discorda de alguma coisa, mas este posicionamento social nem sempre está nítido no texto.

Assim, a ACD propõe o mapeamento de alternativas e limites dos processos intertextuais na luta hegemônica e a concepção desses e de outros processos como luta hegemônica na esfera do discurso que, simultaneamente, afetam e são afetados por essa luta.

Fairclough (2001) prioriza em sua teoria a interdiscursividade – constituição de um tipo discursivo através da combinação de elementos das ordens do discurso – sem abandonar o conceito de intertextualidade constitutiva e intertextualidade manifesta<sup>12</sup>, julgando serem também importantes para a análise.

Além disso, o autor aponta quatro elementos que estabelecem relações complexas nas ordens de discurso. São os tipos de discurso: gênero discursivo, tipo de atividade, estilo e discurso. O gênero discursivo inclui os outros e os precede em hierarquia. É o sistema de gêneros de determinada sociedade em determinado momento histórico que origina os ajustes e as configurações nas quais ocorrem os ou-

---

<sup>12</sup> Tais conceitos de intertextualidade são retomados de Authier-Revuz, na abordagem que foi citada anteriormente como terceira fase da AD.

## ANÁLISE DO DISCURSO

tros elementos, pois os gêneros correspondem aos tipos de prática social.

Para Fairclough (2001, p. 161), o termo gênero discursivo é usado para “um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovado”, ou seja, o gênero é o uso da linguagem relacionado a uma atividade particular. Além de um tipo particular de texto, um gênero discursivo implica processos distintos de produção, distribuição e consumo dos textos.

Na visão de Bakhtin, os gêneros discursivos são elos da história social com a história linguística. Se o gênero se relaciona a um tipo de texto, ele também se relaciona a um tipo de atividade particular. Além disso, o gênero tende a se associar a um estilo próprio, embora possa ser combinado com estilos alternativos.

Dessa forma, os aspectos discursivos da mudança social são o objeto de estudo da ACD, pois o discurso pode ser tanto instrumento de mudança quanto de dominação. A Teoria Social do Discurso, tal como cunhada por Fairclough (2001), pretende transformar as relações de dominação em outras e originar práticas discursivas que sustentem essa transformação.

Voltando ao texto de Costa (2005), podemos concluir que realmente não é mais possível falar em Análise do Discurso Francesa, pois a AD se disseminou no mundo de tal modo que agora é internacional.

Além disso, importa ressaltar que a AD é uma disciplina em constante processo de construção, de onde decorre a constitutividade dos conceitos em que se baseia. É, portanto, a sua especificidade (contradições e irregularidades) que compõe seu campo de estudo.

## ANÁLISE DA CANÇÃO

Feitas essas considerações teóricas, passaremos à análise qualitativa e interpretativa propostas nesse trabalho. Tal análise se fará a partir do poema-canção *Ai, que saudades da Amélia*, de Ataulpho Alves e Mário Lago. Serão analisadas as marcas linguísticas que evidenciam: ideologia, hegemonia, gênero e prática discursiva. Além

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

disso, serão analisadas algumas categorias linguísticas que evidenciam possíveis relações de poder, quais sejam: negação, modalidade, vocabulário, tempo verbal.

*Ai, que saudades da Amélia* é uma das canções mais famosas de Ataulpho Alves, composta em parceria com Mário Lago. A partir dessa canção popularizou-se o mito da Amélia: idealização da mulher que aceita tudo por amor, que é conformada com o destino. O samba de clima enfadonho, depressivo, melodia triste, em tom menor<sup>13</sup>, é obra presente nas antologias de música popular brasileira (MPB) por seu conteúdo polêmico que mobiliza os modos de comportamento ditados pela solidariedade e pelo afeto.

Alguns afirmam que a intenção dos autores era fazer de *Amélia* um símbolo da mulher compreensiva, amiga, solidária. É certo, entretanto, que permanece até hoje o símbolo da mulher dominada, humilhada, explorada e submetida, gerado também pela letra da música. É sobre este símbolo que se centram as restrições libertárias feministas, buscando independência pessoal e profissional das mulheres anos depois.

O feminismo dos anos 60 mostrou que a condição de gênero social (homem/mulher) é construída pela sociedade, pois esta determina os papéis que os homens e as mulheres devem desempenhar. Além disso, o feminismo desmascarou a falsa ideologia de que a condição biológica feminina impunha a mulher à domesticidade.

Se a sociedade brasileira, em muitos casos, ainda hoje acredita que a mulher deve ser colocada na condição de sustentada (Cf. Magalhães e Leal, 2003, p. 27), pode-se imaginar como era ainda mais evidente a visão da sociedade machista do século passado sobre a mulher.

Considerando que o sistema de gêneros da sociedade num momento histórico específico corresponde aos tipos de prática social, passaremos agora à análise do poema-canção *Ai, que saudades da Amélia*, composto em 1940. Tal poema expõe, pela voz de um enunciador, o que posteriormente ficaria conhecido como “o mito da Amélia”.

---

<sup>13</sup> Os acordes menores dão um tom de tristeza à melodia musical, ao contrário do que acontece com os acordes maiores que, categoricamente, expressam alegria.

## ANÁLISE DO DISCURSO

1. Nunca vi fazer tanta exigência
2. Nem fazer o que você me faz
3. Você não sabe o que é consciência
4. Não vê que eu sou um pobre rapaz
  
5. Você só pensa em luxo e riqueza
6. Tudo o que você vê, você quer
7. Ai, meu Deus, que saudade da Amélia
8. Aquilo sim é que era mulher
  
9. Às vezes passava fome ao meu lado
10. E achava bonito não ter o que comer
11. E quando me via contrariado
12. Dizia: "Meu filho, o que se há de fazer!"
  
13. Amélia não tinha a menor vaidade
14. Amélia é que era mulher de verdade

Pode-se dizer que o propósito comunicativo do gênero poema, gênero com o qual a MPB é combinada no texto aqui analisado, é expressar sentimentos, emoções, reflexões, tocar a sensibilidade, entre outros. Segundo Lyra (1986), o poema é, de modo mais ou menos consensual, caracterizado como um texto escrito primordialmente em verso. A letra da canção que está sendo analisada é um poema composto por quatro estrofes (quatro quartetos). São quatorze versos que possuem rima.

Do verso 1 ao verso 6 do poema, o eu poético dirige-se a uma suposta mulher usando o pronome de tratamento “você”, que indica intimidade. Ele faz uma comparação entre essa mulher (“você”) e Amélia, descrita posteriormente.

Sabe-se que a subjetividade é inerente a toda linguagem e sua constituição se dá ainda que não se enuncie o “eu” (Cf. Brandão, 1998). No poema em questão, a subjetividade é marcada explicitamente através dos verbos “vi” e “sou”, através do pronome pessoal reto “eu”, através do pronome oblíquo “me” e através do pronome possessivo “meu”.

Dessa forma, o eu poético expressa seu ponto de vista, que também se manifesta nas modalizações adotadas, uma vez que a linguagem coloca à disposição do falante uma série de recursos destinados a precisar os limites dentro dos quais o locutor se compromete

com uma proposição. O uso desses recursos representa sempre uma intervenção do falante a propósito do conteúdo de sua mensagem.

No poema, o advérbio “tanta”, no verso 1, e o adjetivo “pobre”, no verso 4, são exemplos que corroboram a ideia defendida por Fairclough (2001) de que a modalidade é um ponto de intersecção no discurso entre a significação da realidade e a representação das relações sociais.

Aliás, a modalidade marca a construção de atitude e avaliação do locutor quanto ao que está sendo dito. Quando se faz a leitura dessa estrofe podem surgir algumas perguntas como: “Será que ela fazia muitas exigências mesmo?” e “O adjetivo ‘pobre’ se refere a alguém sem recursos financeiros ou seu uso quer defender a face do eu poético, como que o chamando de ‘coitadinho’?”

As frases estão dispostas na ordem direta, o que inibe o questionamento do leitor/ouvinte que pode assumir o texto como verdade, sobretudo se o receptor da canção não tiver consciência crítica da linguagem para refletir acerca do significado que está sendo construído na canção.

Além disso, as afirmações são categóricas, com verbos de caráter objetivo (“faz”, no verso 2; “sabe”, no verso 3; “vê”, no verso 4; entre outros). A negação contínua da primeira estrofe (“nunca”, “nem”, “não”) parece influenciar na má imagem que o eu poético cria daquela a quem se refere através do pronome “você”.

Vale ressaltar aqui que a negação é vista, muitas vezes, como causa de polêmica, já que as frases negativas carregam tipos especiais de pressuposição ou funcionam intertextualmente, incorporando outros textos com a intenção de contestá-los ou rejeitá-los.

Para analisar um texto, é preciso levar em consideração não somente as marcas linguísticas perceptíveis no mesmo, mas procurar também sua inserção num contexto sócio-político e ideológico do momento no qual o texto foi escrito. Assim, a escolha do advérbio “só”, no verso 5, e do quantificador “tudo”, no verso 6, manifesta a crítica à mulher consumista e interesseira, que a moral e a sociedade patriarcal de 1940 condenavam, já que as mulheres dessa época eram educadas para ser sustentadas pelos maridos, com o que eles lhes po-

## ANÁLISE DO DISCURSO

diam oferecer, e para assumir suas tarefas no lar, que se resumiam em ser mães e donas de casa.

No Brasil, há dois discursos sobre a mulher: o discurso tradicional de controle e o discurso emancipatório. O discurso emancipatório manifesto na mulher do início do texto (que faz “tanta exigência”) é criticado pelo enunciador da canção, já que o discurso de controle se manifesta nas entrelinhas da letra da canção. Podem ser percebidos, assim, os conceitos de ideologia (significações ou construções da realidade) da sociedade, expostos no texto em questão.

Considerando o conceito de interdiscursividade de Fairclough (2001) que enfatiza a heterogeneidade dos textos, constituídos por combinações de gêneros e discursos diversos, nota-se o hibridismo do poema, no qual aparece uma evocação característica do discurso religioso, como se vê no verso 7 (“Ai, meu Deus, que saudade da Amélia”). Além disso, o diálogo com a Bíblia Sagrada pode ser feito, já que esta prega a submissão da mulher ao homem, evidenciando o discurso machista do livro<sup>14</sup>.

Torna-se ainda mais claro o preconceito à mulher quando, no verso 8, o eu poético se refere a Amélia através do pronome demonstrativo “aquilo”, que designa objeto, coisa. Os pronomes usados para designar pessoa, de acordo com a língua padrão, são “aquele” e “aquela”. Está mostrado linguisticamente um preconceito, um tratamento inadequado ao ser humano, pois o uso do pronome demonstrativo sugere, estilisticamente, um tom depreciativo e impreciso.

Se se considera que a língua é um meio pelo qual os indivíduos se localizam num espaço social e que a diferença do gênero social (homem/mulher) não existe num vácuo, mas existe como parte de um complexo de diferentes variáveis sociais, pode-se dizer que o preconceito citado anteriormente foi adquirido, compartilhado e legitimado através de variadas manifestações discursivas entre os membros de um grupo social do contexto da época.

Na terceira estrofe do poema, o eu poético faz um *flash-back* onde descreve o perfil de Amélia narrando os momentos de solidariedade da mesma, que se submete à situação de não ter o que comer

---

<sup>14</sup> Refiro-me aqui ao seguinte trecho, encontrado em Efésios 5, 22: “As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor.”



## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

para ficar ao lado do parceiro e tratá-lo com carinho, o que se percebe através da expressão “meu filho” (no verso 12), que traz consigo uma ideia de familiaridade. Parece que Amélia não seria uma amante (mulher com quem ele mantinha um relacionamento amoroso), mas uma amiga, uma mãe.

Além disso, ainda na terceira estrofe, há a exposição de uma narrativa como se fosse o relato de uma estorinha, usando o pretérito imperfeito em que o tempo do evento é anterior ao tempo da fala (“passava”, no verso 9; “achava”, no verso 10; “via”, no verso 11; “dizia”, no verso 12).

A escolha do tipo de discurso (direto, indireto) é motivada por propósitos comunicativos do sujeito. Assim, não é por acaso que o eu poético cede espaço para a voz de Amélia, no verso 12 (Dizia: “Meu filho, o que se há de fazer!”), pois isso colabora na construção do sentido do texto, como que reafirmando o que foi exposto anteriormente a seu respeito. As aspas funcionam como uma marca da intertextualidade manifesta.

É importante notar também o uso da conjunção aditiva “e” nos versos 10 e 11 como justificativa para a preferência que o eu poético tem por Amélia, pois além de passar fome ao seu lado, ela ainda achava bonito não ter o que comer. O verso 12 mostra a preocupação que Amélia tinha com seu companheiro, consolando-o quando estava “contrariado”. Os versos 13 e 14 concluem o poema valorizando a falta de vaidade em Amélia, o que a faz ser “mulher de verdade”, ao contrário da outra mulher, que só pensa em riqueza.

Quanto ao vocabulário, o poema-canção *Ai, que saudades da Amélia* apresenta vocabulário compatível à classe popular que desejava alcançar, já que a rede de distribuição musical do momento histórico em que a canção foi composta era principalmente o rádio, que atingia os vários níveis sociais daquele tempo. Assim, o vocabulário da canção é facilmente compreendido pelos vários segmentos sociais que viessem a conhecê-la.

Considerando-se a dimensão textual do poema e a dimensão da prática social, trata-se de um texto que evidencia, mais uma vez, o preconceito com o qual as mulheres eram vistas pela sociedade da época.

## ANÁLISE DO DISCURSO

### CONCLUSÃO

Feita a análise textual de *Ai, que saudades da Amélia*, ficam claros os indícios fortes presentes no texto que comprovam os motivos pelos quais a canção possibilitou historicamente a popularização de uma imagem machista e preconceituosa da mulher, segundo a qual é papel da mulher submeter-se a quaisquer condições, ainda que desagradáveis, de sobrevivência para ser companheira e solidária.

Assim, pode-se concluir que o discurso revela as relações de poder e ideologias dos quais é formado, já que a linguagem é constituída pelas relações sociais e as relações sociais são constituídas pela linguagem. Pode-se observar através deste trabalho que a intertextualidade não se torna manifesta sem motivos. Quando se dá espaço para a outra voz no texto de maneira explícita, há a intenção de corroborar as próprias ideias a partir do enunciado do outro, como acontece no poema, pois as escolhas são motivadas.

Importa mencionar ainda que a Análise Crítica do Discurso funciona de maneira eficaz como instrumental que pode efetivar as transformações nas relações de dominação existentes. Cabe aos professores de Língua Portuguesa levar esse instrumental àqueles que posteriormente constituirão a cidadania, possibilitando-os visão crítica e perspectivas de mudança na e pela linguagem.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Michael. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BÍBLIA. N. T. Efésios. Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Ave-Maria, 1996, p.1502.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Unicamp, 1998.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. *Discurso e ensino*. Belo Horizonte: Autêntica/ FALE, 1999.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

COSTA, Nelson Barros da. (org.). *Práticas discursivas: exercícios analíticos*. Campinas: Pontes, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

MAGALHÃES, Célia Maria (org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2001.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. (org.). *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. vol. 2. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 101-142.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *Análise crítica do discurso: uma proposta para a análise crítica da linguagem*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>. Acesso em 30/03/2008.

TOMAZI, Micheline Mattedi. *Cantigas de acordar: análise discursiva do enunciado poético de Chico Buarque*. Vitória: Huapaya, Saberes, 2008.